

A ESPACIALIDADE E A TEMPORALIDADE DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: O CASO DO CEDERJ/CECIERJ

05/2007

Eduardo Pimentel Menezes
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO – UERJ – epmenezes@ig.com.br

F – Pesquisa e Avaliação
3 – Educação Universitária
B – Relatório de Pesquisa
1 – Investigação Científica

RESUMO

Este estudo pretende investigar a interferência das novas tecnologias da informação e da comunicação na organização do espaço e do tempo, sob o ponto de vista dos projetos espaciais contemporâneos das universidades de educação à distância virtual e em especial o projeto do CEDERJ – Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro. O tema é relevante e atual, principalmente quando consideramos a posição atribuída à escola e, no período contemporâneo, às universidades dentro do atual estágio de transformação e dispersão dos processos produtivos.

Palavras-chave: espaço – tempo – educação a distância – CEDERJ.

INTRODUÇÃO

O mais recente período do capitalismo, considerado por alguns autores como a era da globalização, evidencia a estreita relação entre o sistema econômico e a ciência. Essa fase histórica se caracteriza pela competitividade em escala internacional, o que demanda uma busca constante pela eficiência nas ações e pela qualidade dos produtos para enfrentar a concorrência.

Nesse quadro, a educação tomou lugar estratégico, sendo considerada a forma de atingir o conhecimento técnico e científico e as competências necessárias para a sobrevivência na economia globalizada. E dentre as vias de ensino, destaca-se o ensino a distância mediado pelas novas tecnologias da informação e comunicação, eleito como um dos meios para atender a urgência na formação e na atualização de profissionais. Pedro Demo (1998) em seu livro “Questões para a teleducação” afirma:

De partida, cabe reconhecer que o espaço da educação profissional será um dos mais privilegiados para a teleducação, a começar pela constatação de que, para cobrir grandes populações, somente é viável pelo recurso a estratégias à distância. P. 229

E mais adiante acrescenta:

Cabe assumir que, para o futuro, a atualização dos profissionais em serviço será uma tarefa urgente e abrangente, aparecendo como condição fatal para continuar no emprego ou no trabalho. P. 229

Tal configuração estabelece novos signos para as técnicas, principalmente para a informação, tornando única essa fase histórica e de extrema importância para a análise da aplicação à educação das chamadas novas tecnologias da informação e da comunicação. Isso exige que antigos paradigmas sejam substituídos, tanto na área acadêmica, como na área administrativa, abrangendo tanto a questão da organização quanto a mudança na concepção de espaço e de tempo culturalmente aceitos.

De acordo com LIMONAD (2001):

As novas condições tecnológicas, propiciadas pelo desenvolvimento da telemática e das novas técnicas de organização e gerenciamento da produção têm contribuído para incrementar a fluidez dos fluxos espaciais e setoriais do trabalho, mercadorias e informações. P. 69

E mais adiante acrescenta:

Temos, assim, novas formas de organização territorial derivadas da Revolução tecnológica e industrial, em curso, que conferem uma nova dimensão ao urbano e à urbanização. P.70

Cabe ressaltar que os projetos espaciais das universidades virtuais, na lógica contemporânea, podem ser analisados de acordo com a narrativa de FOUCAULT (1979) sobre a mobilização dos micropoderes na constituição disciplinar do espaço do século XVIII, onde o autor demonstra que o arranjo do espaço econômico extrapola a regulação do mercado. As universidades virtuais, no período atual, podem ser vistas e analisadas como microespaços, organizados de modo a adequá-los ao controle das regras e normatizações burguesas. Mas também podem ser analisadas como espaços democráticos, nos quais a sociedade pode redirecioná-los para atender às demandas da maior parte da coletividade.

De acordo com MOREIRA (2001) o arranjo superestrutural se dá pela localização-distribuição dos aparelhos jurídicos-políticos e ideológicos-culturais, onde a escola –e acrescentamos a universidade – é parte de sua composição. Dessa forma acreditamos se fazer necessário destacarmos a posição de FRAGO e ESCOLANO (1998) sob o ponto de vista do papel que a materialidade e funcionalidade dos prédios escolares desempenham na sociedade:

A arquitetura escolar é também por si mesma um programa, uma espécie de discurso que institui na sua materialidade um sistema de valores, como os de ordem, disciplina e vigilância, marcos para a aprendizagem sensorial e toda uma semiologia que cobre diferentes símbolos estéticos, culturais e também ideológicos. P. 26

E mais adiante, inspirado nas idéias de FOUCAUT, os mesmos autores acrescentam que o espaço escolar subjaz uma política social que controla os movimentos e costumes. Sob esse ponto de vista ainda destacam o pensamento de GIDDENS (1990) no que se refere a espacialização disciplinar como parte integrante da arquitetura escolar, o que facilitaria a rotina das tarefas e a economia do tempo, tornando a escola um “continente do poder”.

De acordo com as conformidades expostas, o presente estudo possui como proposta investigar o papel do CEDERJ- Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro-, visto como um microespaço que simboliza o atual período técnico-científico-informacional¹.

Esse objeto de estudo é recente e podemos observar a ausência de teoria sobre o mesmo. Além disso, o objeto apresenta-se como um problema sócio-político e econômico, na medida em que observamos a atual reestruturação dos processos produtivos do sistema econômico contemporâneo.

A EAD E SUA ESPACIALIDADE

Refletindo sobre os novos modelos de mediação pedagógica, LEVY (1999) refere-se ao tema “substituição” do espaço com a seguinte indagação:

Por que construir universidades em concreto em vez de encorajar o desenvolvimento de teleuniversidades e de sistemas de aprendizagem interativos e cooperativos acessíveis de qualquer parte do território ? p. 127

A citação de Levy nos leva a algumas indagações, quando consideramos a realidade brasileira: O ensino virtual dispensaria a universidade de concreto ?

Acreditamos que não, já que compactuamos da idéia de que o novo não faz o antigo desaparecer. O velho passa a coexistir com o novo e assume outras funções. Por outro lado, admitimos que a infra-estrutura exigida pelo ensino virtual estabelece dramáticas diferenças físicas, estruturais, organizacionais e gerenciais entre as universidades convencionais e as teleuniversidades. O seu funcionamento estaria diretamente relacionado ao, que aqui chamamos, “Paradigma Info-Tele-Comunicacional”². A convergência digital cria novos aparelhos e novas formas de comunicação e novas plataformas de produção de dados. Surgem novos canais a partir da hibridação. A junção do som, imagem e dados gera o fenômeno multimídia em uma plataforma única. Surge novas possibilidades de produção e veiculação de informação, criando novas possibilidades de arranjos espaciais e de manejo do tempo.

Acreditamos que a tecnologia só pode existir quando ela se horizontaliza. As novas tecnologias só podem prosperar, exercer mecanismos de influência nas classes populares, a partir do momento em que se ramificam, ocorrendo sua horizontalização e sua massificação. Se acreditarmos que esses avanços tecnológicos ficam restritos a classe hegemônica, dentro de um padrão elitista, não estaremos avançando na compreensão de sua lógica, ou seja, das intencionalidades que lhes são atribuídas.

SANTOS (1996), ao alertar sobre o fato de que os estudos sobre a técnica não a colocam como parte do território, como um elemento de sua constituição e de sua transformação, cita CIAISSE & MOREAUS (1990, P. 187): “ a economia espacial permanece freqüentemente muda a propósito das questões relacionadas com o desenvolvimento da tecnologia das comunicações à distância. A partir desse raciocínio SANTOS propõe a análise do meio técnico-científico-informacional e não de maneira dual como é de costume.

Compartilhamos com a seguinte idéia de SANTOS (1996):

Do ponto de vista específico da técnica dominante, a questão é... a de verificar como os resíduos do passado são um obstáculo à difusão do novo ou juntos encontram a maneira de permitir ações simultâneas. P. 35

A partir desse raciocínio, propomos desenvolver a idéia do autor no sentido de verificar o papel do fenômeno técnico na produção e nas transformações do espaço geográfico, tendo como foco centralizador os projetos espaciais das teleuniversidades.

Podemos observar o processo de descentralização espacial das teleuniversidades, sua lógica de funcionamento em tempo real e, até mesmo, uma nova concepção de espaço utilizada. Algumas dessas universidades não chegam a possuir um campus universitário, já que sua materialidade resume-se aos computadores nos quais se encontram os programas dos cursos oferecidos aos alunos, que podem ser cursados em seus locais de trabalho ou em suas residências.

Escolhemos o CEDERJ para identificar como a questão do espaço/tempo da EAD está sendo equacionada nas instituições de nível superior que adotaram o

ensino virtual. O CEDERJ é uma instituição de ensino especializada em EAD, com um projeto espacial destinado a esse fim.

O CEDERJ é um consórcio que foi criado pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro, através da Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia – SECT. A SECT iniciou em 1999 um trabalho com o objetivo de elevar as possibilidades de acesso ao ensino superior, priorizando o interior do Estado do Rio de Janeiro e utilizando a educação a distância, por intermédio de um consórcio formado pelas Universidades Públicas sediadas no Estado do Rio de Janeiro. O consórcio é formado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Universidade do Rio de Janeiro – UNIRIO, Universidade Estadual do Norte Fluminense – UENF, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Universidade Federal Fluminense – UFF e pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ.

A partir da criação oficial do consórcio, iniciou-se um programa para por em prática os seus respectivos objetivos. A formação do CEDERJ possui como proposta a interiorização do ensino superior no Estado do Rio de Janeiro, criando possibilidades para o estudante possuir horários flexíveis de ensino, incentivando a formação continuada de profissionais do Estado – com destaque para os professores da rede estadual – além de aumentar a oferta de vagas em cursos de graduação e de pós-graduação em instituições públicas no Estado do Rio de Janeiro.

CONCLUSÕES

Concordamos com HAESBAERT (2002) ao afirmar que: “qualquer estudo que se pretenda denso, apreendendo o social na sua complexidade, deve enfrentar o dilema da... interação entre ... tempo e espaço”. E articulando a este pensamento, enfatizamos o estudo de Santos (1996) onde o autor afirma que: “a técnica é vista como o fundamento de uma teoria do espaço”.

Acreditamos que o surgimento das teleuniversidades participam de um momento histórico em que a evolução das tecnologias da informação e comunicação viabilizam a concretização de novos projetos espaciais. Ocorre a necessidade de se reconfigurar os arranjos espaciais - a partir de uma nova forma de se perceber o tempo e o espaço - dos projetos ligados ao surgimento das universidades no século XXI. De acordo com Santos (1996) são os novos objetos desse período histórico. O autor afirma que:

Todo período histórico se afirma como um elenco de técnicas e com uma família de objetos. Há novos objetos e novas formas de ação. Cada padrão espacial é morfológico e funcional. Quando há mudança morfológica para atender a novas funções, velhos objetos permanecem e mudam de função. p. 77,78.

E mais adiante acrescenta uma idéia que substancia as nossas pretensões para

essa pesquisa:

Os conjuntos formados por objetos novos e ações novas tendem a ser mais produtivos e constituem, num dado lugar, situações hegemônicas. Os novos sistemas de objetos põem-se à disposição das forças sociais mais poderosas, quando não são deliberadamente produzidos para o seu exercício. Ações novas podem dar-se sobre belhos objetos, mas sua eficácia é, assim, limitada. p. 78

Partimos da proposta de procurar compreender o funcionamento e articulação dos espaços, na atualidade, sob o ponto de vista do atual estado das técnicas e na sua articulação sobre a produção de um microespaço específico: as teleuniversidades. De acordo com Santos (1996):

As características da sociedade e do espaço geográfico, em um dado momento, estão em relação com um determinado estado das técnicas. O conhecimento dos sistemas técnicos é essencial para atender as diversas formas de estruturação, funcionamento e articulação dos territórios. p. 137.

Partindo do princípio de que a informação é o vetor fundamental do processo social e os territórios são equipados para facilitar a sua circulação, seria pertinente questionar se as teleuniversidades são lógicas espaciais que articulam-se sob esse propósito ?

O modelo espacial de campus universitário corresponde a um modelo societal compatível com o regime fordista de trabalho. Hoje o capital passa a acumular-se, de preferência, sob a forma financeira e favorece ao surgimento de transformações na forma de organização do sistema produtivo. De acordo com SODRÉ (2000):

O que agora entra em cena é um sistema produtivo caracterizado por maior maleabilidade: fluxos horizontais de informação e comando (ao invés de fluxos verticais típicos do fordismo); estimulação da iniciativa nas bases e ênfase na qualidade dos produtos, o que implica recusa da rotina burocrática, busca de flexibilização dos processos, trabalho em equipe e participação do trabalhador nos processos de gestão empresarial; aprendizagem permanente. Tudo isto faz parte das novas exigências de estrutura do chamado capitalismo flexível. p. 89

É importante perceber que as tecnologias da informação e comunicação modificaram a forma de transmissão do conhecimento acadêmico, a partir de um novo paradigma de conhecimento analógico-digital. Torna-se historicamente operante a colocação em rede de escolas, alunos e professores – uma realidade já observada nos Estados Unidos com o número crescente de cursos on line. SODRÉ ainda observa que:

É preciso, no entanto, considera que a forma-escola, uma das bases de construção da moderna forma democrática, vem sendo fortemente pressionada e deslocada por uma ideologia de valorização do campo informacional (com uma crescente autonomia individual na utilização dos recursos tecnológicos), cujos pressupostos são mais mercadológicos e tecnológicos do que éticos no sentido clássico deste termo. p. 107

É fundamental termos em mente que o espaço escolar é que deve absorver as tecnologias informacionais, de acordo com sua lógica e objetivos, e não o contrário, ou seja, maquinizar a escola e transformar o seu espaço de acordo com a funcionalidade e intencionalidade a ela atribuída pelos agentes hegemônicos. Um importante exemplo que pode elucidar essa afirmação, sob o ponto de vista da EAD, foi a Escola por Correspondência criada por Gramsci, onde o curso por correspondência deveria constituir a primeira fase de um movimento que visava criar pequenas escolas de partido, com o objetivo de manter em contato os companheiros.

O que observa-se nos projetos espaciais contemporâneos destinados ao ensino superior, de acordo com SODRÉ (2000), é que seu espaço encontra-se em mutação: “a centralidade física da escola que, por efeito das redes telemáticas dos objetos informacionais, se torna tendencialmente “nômade”, isto é, descentrada e metodologicamente flexível”.

No projeto do CEDERJ – Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro, o processo de fragmentação espacial em 25 pólos regionais espalhados por 25 municípios no interior do Estado do Rio, revela uma nova dinâmica e estratégia territorial. Foram escolhidas 25 áreas para serem servidas pelos meios de conhecimento – informação – e os demais municípios do Estado continuam desprovidos dessas vantagens. Lembrando Santos (1996):

O conhecimento possui papel de recurso no sistema capitalista, onde os detentores desse recurso competem vantajosamente com os que não dispõem dele. p. 194

Cabe ainda ressaltar se nos novos projetos espaciais em questão, assim como a disputa entre os lugares – municípios – pela instalação de fábricas e empresas, é

possível verificar essa semelhança nos processos espaciais, no que se refere à instalação dos pólos regionais do CEDERJ. Como Santos afirma que o Estado é capaz de produzir eventos que incidem sobre áreas extensas e que os lugares se distinguem pela diferente capacidade de oferecer rentabilidade aos investimentos, é válido questionar se ocorre uma guerra entre os lugares entre os municípios do Estado do Rio, para tornarem-se atrativos aos projetos espaciais dos pólos regionais do CEDERJ.

Para concluir, ressaltamos que o processo econômico contemporâneo não é apenas um fenômeno econômico, mas também uma transformação do espaço e do tempo. De acordo com GIDDENS (1997) a globalização é definida como “a ação a distância” e relaciona sua intensificação com o surgimento de meios de comunicação e de transporte em escala planetária, além de gerar mudanças nas relações espaço/tempo que têm conseqüências nos modos de operar a sociedade – inclusive novas maneiras de aprender.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES**, Nilda. O espaço escolar e suas marcas. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- CASTROI., CORRÊA R. e GOMES P.**. Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995.
- DEBRAY**, Régis. Vida e morte da imagem. Petrópolis: Vozes, 1994.
- BECK**, U. O que é globalização ? Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1999.
- CAPRA**, Fritjof. O Ponto de Mutação. São Paulo, Cultrix, 1984.
- DEMO**, Pedro. Questões para a teleducação. Petrópolis: Vozes, 1998.
- ESCOLANOVA. e FRAGO A.** Currículo, espaço e subjetividade. Rio de Janeiro: DP7A, 1998.
- FOUCAULT**, M. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1979.
- GIDDENS**, A. The consequences of modernity. California: Stanford University Press, 1990.
- _____, As Conseqüências da Modernidade. São Paulo: UNESP, 1994.
- _____, Modernidade e Identidade Pessoal. Oeiras: Celta, 1997.
- GRAMSCI**, Antonio. Cadernos do Cárcere, volume 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- HAESBAERT**, Rogério. Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão. In Castro, Rio de Janeiro: Bertrand, 1995.
- _____, Territórios Alternativos. São Paulo: Contexto, 2002.
- _____, In Programa de Pós-Graduação em Geografia – Territórios territórios. Niterói: PPGE-UFF e AGB Niterói, 2002.
- HARVEY**, David. Condição pós-moderna. São Paulo: Loyola, 1993.
- HORKHEIMER**, Adorno. Dialética do Esclarecimento. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor. 1994.
- LEVY**, Pierre. Cibercultura. São Paulo: 34, 1999.
- _____ As Tecnologias da Inteligência: O Futuro do Pensamento na Era da

Informática. Rio de Janeiro, 34, 1993.

_____ O Que é o Virtual ? São Paulo: 34, 1996.

LIMA, Frederico O. A Sociedade Digital. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2000.

LIMONAD, E. In Programa de Pós-Graduação em Geografia – Territórios territórios. Niterói: PPGE-UFF e AGB Niterói, 2002.

LOBO, Francisco Silveira. Educação a distância: regulamentação. Brasília: Plano, 2000.

MACHADO, Nílson José. Epistemologia e Didática. São Paulo; Cortez, 1999.

MENEZES, Eduardo Pimentel. Novas Tecnologias da Informação e Comunicação no Ensino a Distância. Tecnologia Educacional; ABT, 2002.

MENEZES, Eduardo Pimentel. Ensino a Distância: fim das barreiras espaciais ? Caderno do CES n° 10. EDUFF, Niterói, 2000.

MOREIRA, Rui. O Círculo e a Espiral. Obra Aberta, 1993.

_____ O Espaço da Geografia (As formas históricas do trabalho do geógrafo). Boletim Fluminense de Geografia, n° 2, Agb-Niterói, Rio de Janeiro, 1996.

_____ O Tempo e a Forma, In Espaço do Geógrafo, Jornal da AGB-Bauru, números 2, 3 e 4 1996.

_____ O Racional e o Simbólico na Geografia, In Natureza e Sociedade de Hoje: Uma Leitura Geográfica (volume de O Novo Mapa do Mundo), Editora Hucitec-Anpur, São Paulo, 1993.

_____ Desregulação e Remonte no Espaço Geográfico Globalizado, in revista Ciência Geográfica, volume IV, número 10. AGB-Bauru, 1998.

_____ O Paradigma e a Ordem (genealogia e metamorfoses do espaço capitalista) in revista Ciência Geográfica, volume V, número 13. AGB-Bauru, 1999.

_____ Globalização e Neoliberalismo. Cad. Geogr., v. 8, Belo Horizonte, 1998.

NOSELLA, Paolo. A Escola de Gramsci. Editora Artes Médicas, Porto Alegre, 1992.

PARENTE, André. Imagem Máquina: A Era das Tecnologias do Virtual. Rio de Janeiro, 34, 1993.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, Territórios territórios. Niterói: PPGE-UFF e AGB Niterói, 2002.

RODRIGUES, Luiz Augusto Fernandes. Universidade e a a fantasia moderna: a falácia de um modelo espacial único. Rio de Janeiro, EdUFF, 2001.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização. Rio de Janeiro; Record, 2000.

_____ Técnica, Espaço, Tempo (Globalização e meio técnico-científico informacional). Editora Hucitec. São Paulo, 1994

_____ A Natureza do Espaço (Técnica e tempo, razão e emoção), Editora Hucitec, São Paulo, 1996.

_____ O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI, Editora Record, Rio de Janeiro, 2001.

SODRÉ, Muniz. Antropológica do Espelho: Uma teoria da comunicação linear em rede. Editora Vozes, Petrópolis, 2002.

VIRILIO, Paul. O Espaço Crítico. Editora 34, Rio de Janeiro, 1993.

Nome do arquivo: 55200710038PM.doc
Pasta: C:\ABED\Trabalhos_13CIED
Modelo: C:\Documents and Settings\Marcelo\Dados de aplicativos\Microsoft\Modelos\Normal.dot
Título: REFLEXÕES SOBRE AS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO NA REORGANIZAÇÃO ESPACIAL: A UNIVERSIDADE DE ENSINO A DISTÂNCIA DO ESTADO DO RJ – CEDERJ
Assunto:
Autor: Paulo César Farias
Palavras-chave:
Comentários:
Data de criação: 27/3/2005 11:06:00
Número de alterações: 16
Última gravação: 4/5/2007 14:23:00
Salvo por: Eduardo Pimentel
Tempo total de edição: 212 Minutos
Última impressão: 24/8/2007 16:29:00
Como a última impressão
Número de páginas: 10
Número de palavras: 3.737 (aprox.)
Número de caracteres:20.183 (aprox.)